

Título: **A procura da excelência**  
Fonte: **Semanário**

Data: **09-04-2009**  
Página(s): **23**  
C/ Foto | Cor



## REFORMA DO ENSINO

### **A procura da excelência**

Nos últimos anos, Portugal fez uma reforma do ensino que, apesar das resistências, acabou por ir no bom caminho. É talvez a reforma do século, imposta de fora pelo Processo de Bolonha, depois dos ajustamentos no ensino secundário - que passou a ter 12 anos de escolaridade obrigatória.

Há, actualmente, 46 países que adoptaram o Processo de Bolonha, acabando as diferenças que impediam a mobilidade de estudantes e professores, criando as bases para a liberalização do ensino superior no mundo, com acordos futuros a nível da Organização Mundial de Comércio. O modelo francês e alemão, longo e igualitário, entrou finalmente em colapso. Acabou a licenciatura de cinco anos, que atrasava a entrada dos jovens no mercado de trabalho, e adoptou-se o modelo anglo-saxónico com grande sucesso evidenciado na investigação e na inovação, do bacharelato/mestrado/doutoramento, com respectivamente 3/2/3 anos.

Com esta medida normalizou-se o ensino e resolveu-se o problema das equivalências, mas sobretudo veio permitir que os mais jovens possam chegar ao mercado de emprego mais cedo, facilitando a integração e sobretudo aumentando a motivação dos jovens no primeiro emprego, pois, aos 22 ou 23 anos, ainda não estão pressionados pelas existências de autonomia ou de um salário para sustentarem famílias, como já acontece a muitos jovens com 25 ou 27 anos.

Aquilo que estávamos a assistir na Europa era que o longo processo de uma licenciatura fazia com que muitos jovens levassem ainda mais tempo a concluir o curso, ou ainda empurrava muitos jovens para o abandono universitário. Por outro lado, fazia coincidir o stress do início da vida profissional com a constituição de família, o que limitava enormemente o potencial dos jovens. Apesar de iniciado o Processo de Bolonha, curiosamente Portugal e Alemanha são os países que mais resistências ainda hoje têm na Europa dos 27 ao modelo de Bolonha. E se o nosso ensino nunca teve grande reconhecimento internacional, o mesmo não acontecia com o ensino alemão há vinte ou trinta anos.

Mas o que verificamos nos últimos dez anos, com o acelerar da globalização e da competição mundial pelo negócio do ensino universitário, é que o ensino alemão ficou para trás e que se a União Europeia conseguiu ganhar aos Estados Unidos, na busca de alunos estrangeiros, isso ficou sobretudo a dever-se às universidades inglesas, francesas e italianas, que adoptaram Bolonha, e não às universidades alemãs, que não se souberam actualizar.

É verdade que a Alemanha continua a ser o país que mais patentes per capita regista no mundo, mas esse padrão deve-se ao facto das empresas recrutarem cientistas em todo o mundo e não ao seu sistema de ensino universitário que, mesmo nas ciências naturais, onde era líder, vê hoje os seus melhores engenheiros a irem completar os seus estudos em universidades americanas ou inglesas.

Uma das enormes surpresas que tive nos EUA foi exactamente o constatar a enorme quantidade de estudantes alemães que optam pelo ensino na América, em vez do estudo nas universidades alemães, medievais, a fazer lembrar Portugal no seu pior. E temos agora um novo problema com a inversão das pirâmides etárias na Europa. Até agora andamos a adiar a entrada no mercado de trabalho dos jovens por causa do desemprego, mas as nossas empresas estão a envelhecer aceleradamente, os seus quadros estão a perder jovialidade o que condena no curto prazo a economia da Europa.

Temos, para rejuvenescer os quadros das empresas, que acelerar a integração de jovens e a extinção da licenciatura e a adopção do modelo de Bolonha do bacharelato no primeiro ciclo universitário, o que permite ganhar tempo e integrar duas gerações pelo menos no mercado de emprego. Não é oportuno falar disto agora que estamos em recessão. Mas logo que a crise passe tem que ser uma prioridade dos governos. E em Portugal, os governos terão que exigir às universidades que acabem como esses modelos de 4+2 ou 5+1 definitivamente e adoptem o modelo do 3+2 para os primeiro e segundo graus de todos os cursos do ensino superior.

Depois da revolução que foi o "acesso à universidade dos mais de 23 anos", a obrigatoriedade de Bolonha na sua versão mais mitigada (3+2) será o mais importante factor de competitividade do ensino em Portugal. Não só como um cluster decisivo para a afirmação portuguesa no espaço lusófono, mas também para aumentar as competências de investigação nas universidades portuguesas. É que a grande diferença entre o primeiro ciclo e os segundo e terceiro ciclos está exactamente na autonomia e na investigação. E sem esta reforma continuaremos a convidar a população universitária a levar tempo de mais para fazer o primeiro ciclo e a evitar o segundo, o que necessariamente diminui a investigação e a inovação que a academia tem que garantir ao País.

Ou queremos ficar para trás, como o ensino alemão caduco ou finalmente apostamos na I&D, reduzindo o primeiro ciclo e incentivando os alunos universitários à investigação e desenvolvimento, nos mestrados e doutoramentos. Se apostarmos finalmente em Bolonha - em vez de continuarmos com esta reforma com reserva mental -, seguramente seremos um País mais competitivo e muito mais inovador. É certo que alguma esquerda, mas também a pior direita, gosta pouco desta aposta na inovação, uma vez que ela lança as bases para a diferenciação entre universidades e escolas, as tais bases da avaliação do desempenho das Universidades e das escolas, basicamente assenta no elitismo do ensino superior, onde os melhores vão para as boas escolas, normalmente mais caras e onde a investigação se faz com seriedade e os outros acabarão por estar condenados à rotina das piores escolas.

Mas é exactamente na medida em que assumirmos a diferença, como base da sociedade e da cultura, que podemos fazer um país melhor. Não temos que ser todos iguais. O Estado tem que garantir condições de realização a todos, mas tem que assegurar que os melhores possam ser melhores, que o sucesso seja celebrado e que aqueles que se esforçam e ganham, sejam premiados e reconhecidos. Afinal o ensino é o primeiro degrau da excelência, a estrutura básica que faz o sucesso dos países e a riqueza das Nações. Aproveitemos a crise para fazer esta revolução em Portugal.